

**“NINGUÉM MANDA O PAI DELA SER UM BAITA DE UM HIPÓCRITA”: A
CONSTRUÇÃO DE REPREENSÃO “NINGUÉM MANDA X” ATRAVÉS DE UMA
ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA EM SITES INFORMAIS**

**“NINGUÉM MANDA O PAI DELA SER UM BAITA DE UM HIPÓCRITA”: THE
CONSTRUCTION OF THE REPRIMAND “NINGUÉM MANDA X” THROUGH A
SOCIOCOGNITIVE APPROACH IN INFORMAL SITES**

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19542

**Mariana Reis Rachid¹
Gabriela da Silva Pires²**

Resumo: Este trabalho investiga a construção de repreensão “Ninguém manda X”, em que X é um sintagma oracional com verbo no infinitivo. Fundamentado na Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Pinheiro, 2016) e Avaliatividade (Vian Jr, 2009), analisa de forma empírica 35 ocorrências extraídas dos sites *Blogspot* e *Wordpress*. Os objetivos incluem: descrever a configuração sintática; mapear os alvos; e discutir as avaliações. A configuração sintática mais comum é “Ninguém manda + VInf ligação + predicativo” (22,85%), predominando repreensões ao gênero masculino. O Julgamento de Capacidade Negativa prevaleceu, confirmando a desaprovação. A construção opera como recurso não composicional para repreensão no Português Brasileiro.

Palavras-chave: linguística cognitiva; construção gramatical; repreensão.

Abstract: This paper investigates the construction of reprimand “Ninguém Manda X”, where X is a Clause Phrase with an Infinitive Verb. Based on Construction Grammar (Goldberg, 1995; Pinheiro, 2016) and Appraisal (Vian Jr, 2009), it empirically analyzes 35 occurrences from Blogspot and Wordpress websites. The main purposes of this article are: describing the syntactic configuration; mapping the targets; and discussing the assessments. The most common syntactic configuration is “Ninguém manda + Linking VerbInf + Predicative” (22.85%), with reprimands predominantly directed at the male gender. The Negative Capacity Judgment prevailed, confirming disapproval. The construction operates as a non-compositional resource for reprimand in Brazilian Portuguese.

Keywords: cognitive linguistics; grammatical construction; reprimand.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora da Educação Básica. E-mail: maarirachid@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0738-264X>.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Adjunta da área de Língua Portuguesa do Curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: gabriela.pires@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4292-2700>.

Introdução

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de iniciação científica³ que investiga a construção gramatical “Ninguém manda X”. Essa construção possui uma forma fixa, “Ninguém manda”, seguida de um *slot* “X”, que deve ser preenchido obrigatoriamente por um verbo no presente do infinitivo. Opcionalmente, pode incluir um Sintagma Nominal (SN) como sujeito, bem como complementos ou adjuntos. O estudo teve como objetivo explorar se essa configuração gramatical é interpretada como uma expressão de repreensão direcionada a algo ou alguém no português brasileiro (PB).

Para alcançar esse objetivo, foi construído um banco de dados por meio da ferramenta de Busca Avançada do Google, buscando pelas primeiras 200 ocorrências da construção, retiradas de dois domínios considerados informais: *Wordpress* e *Blogspot*. Entre os exemplos coletados, destacam-se enunciados como: “E sabe quem as vezes sofre mais com isso? Quem se mete. Mas bem feito, ninguém manda querer fofocar.” (Blogspot) e “Porque eu detono todas as minhas sapatilhas em dias de chuva. Ninguém manda não ter carro, né?” (Wordpress). Essas construções podem ser interpretadas como expressões de repreensão: no primeiro exemplo, direcionada à pessoa que fofocou, e, no segundo, configurando-se como uma autorrepreensão.

Esse artigo faz parte de investigação iniciada em 2020, com desdobramento em três projetos de Iniciação Científica sobre uma rede de construções de repreensão em PB. Os dois primeiros objetos de investigação foram as construções esquematizadas por “Quem manda/mandou X VInf” (Poggian; Pires, 2021) e “Ninguém mandou X” (Ferreira, 2022). No presente trabalho, o foco recai especificamente sobre a variante “Ninguém manda X”, com o verbo no tempo presente do indicativo. Reconhecemos que essa construção integra um conjunto mais amplo de estruturas com valor de repreensão, mencionadas anteriormente, que compartilham a mesma função pragmática. No entanto, optamos por delimitar o escopo da análise à variante “Ninguém manda X”, visando aprofundar a descrição e a compreensão de uma construção específica e produtiva no PB contemporâneo, contribuindo para os estudos sobre construções não convencionais e não composicionais no âmbito da gramática das construções.

Assim, o objetivo desta pesquisa é aprofundar a análise da Construção de Repreensão, investigando sua configuração gramatical, seu papel como um recurso linguístico não

³ Pesquisa de Iniciação Científica realizada nos anos de 2023 e 2024 com o incentivo financeiro do CNPq, intitulada “Abordagem sociocognitiva da construção de repreensão “Ninguém manda X” a partir de websites: processos de (re)construção do significado” (PIBIC-UFV/CNPq 2023-2024).

composicional e não convencional, e sua função avaliativa. Para isso, baseamo-nos na teoria da Linguística Cognitiva (LC), com ênfase na abordagem sociocognitiva da Gramática de Construções (GC). Utilizamos os estudos de Goldberg (1995), Ferrari (2011), Martelotta e Palomanes (2017) e Pinheiro (2016), que fornecem uma base para compreender o funcionamento e o posicionamento dessa construção no panorama linguístico atual. Complementarmente, o Sistema de Avaliatividade, oriundo da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), foi aplicado para analisar as nuances avaliativas presentes nas expressões de repreensão.

1 Linguística Cognitiva e Gramática das Construções

Na Linguística Cognitiva, as construções gramaticais refletem padrões de pensamento e experiências culturais compartilhados pelos falantes. Essas construções não se limitam a combinações formais de palavras, mas carregam significados específicos e esquemas cognitivos que moldam a interpretação linguística. Assim, a análise dessas construções gramaticais transcende a observação da sintaxe, incorporando uma compreensão mais profunda das associações semânticas e cognitivas que permeiam as expressões linguísticas.

A GC, proposta inicialmente por Goldberg (1995; 2006), oferece uma abordagem inovadora ao propor que todos os níveis da gramática são organizados em torno de construções, definidas como pares de forma e função que veiculam significados semânticos ou discursivos. Segundo a autora:

Todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pares aprendidos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, idiomas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente ou completamente genéricos (Goldberg, 2006, p. 5).

Essa perspectiva refuta a visão tradicional de que as construções gramaticais são meros reflexos de regras formais abstratas. Para Goldberg (1995; 2006), as construções constituem unidades fundamentais da gramática, abrangendo desde elementos simples, como palavras e morfemas, até padrões complexos e genéricos. O conceito de forma-função, central em sua teoria, enfatiza que as construções não apenas representam associações linguísticas, mas também desempenham papéis comunicativos específicos, articulando significado e contexto discursivo.

Conforme Goldberg (2006), as construções emergem do uso e são moldadas pela frequência, refletindo necessidades comunicativas dinâmicas. Isso implica que a gramática não é fixa, mas adaptável às necessidades comunicativas dos falantes. Essa abordagem possibilita a

análise de padrões não convencionais de linguagem, como a construção “Ninguém manda X”, explorando sua estrutura gramatical e função avaliativa enquanto recurso linguístico.

Essa perspectiva encontra respaldo em Ferrari (2011), que reforça a ligação entre a GC e a Linguística Cognitiva ao afirmar que as construções gramaticais são produtos da interação entre cognição e uso, ressaltando que as associações formais e semânticas emergem de experiências compartilhadas no contexto linguístico e social. Pinheiro (2016), por sua vez, amplia essa visão ao destacar que as construções articulam sintaxe e léxico de maneira dinâmica, funcionando como ferramentas essenciais para capturar a integração entre os significados particulares e os esquemas mentais subjacentes. Dessa forma, a análise das construções transcende a mera descrição formal, abrangendo também as associações semânticas e cognitivas que permeiam as expressões linguísticas, consolidando sua relevância como fenômenos interativos no uso da língua.

A partir dessa perspectiva, a GC reforça a necessidade de compreender os padrões linguísticos como fenômenos complexos e dinâmicos. Goldberg (1995) já havia destacado que as construções são entidades cognitivas fundamentais que articulam léxico e sintaxe em unidades integradas, refletindo tanto o conhecimento linguístico quanto os contextos de uso. Assim, ao analisar construções como “Ninguém manda X”, é possível observar como elas ativam esquemas culturais e cognitivos que orientam a interpretação e o uso linguístico.

Salomão (2003) e Pinheiro (2016) destacam que a gramática reflete práticas sociais e culturais, corroborando o papel das construções como produtos da interação entre cognição e uso. Para Salomão, a gramática é um sistema dinâmico que reflete a evolução das práticas sociais e culturais, enquanto Pinheiro destaca que as construções emergem de padrões recorrentes de uso e são armazenadas como esquemas flexíveis na memória dos falantes. Esses autores, em consonância com Souza (2010), contribuem para uma visão ampliada da gramática, que integra aspectos formais, semânticos e pragmáticos, permitindo uma abordagem mais rica e multifacetada da linguagem.

Adicionalmente, Martelotta e Palomanes (2017) reforçam que o uso linguístico é informado por esquemas mentais que se baseiam na interação entre corpo, cognição e cultura. A análise de padrões sintáticos fixos, como “Ninguém manda X”, ilustra como os falantes recorrem a construções para comunicar significados complexos que dependem tanto da estrutura sintática quanto do contexto discursivo. Esses padrões não apenas refletem normas culturais e sociais, mas também servem como mecanismos de repreensão ou advertência,

ativando conhecimentos compartilhados pelos interlocutores e estabelecendo conexões entre forma e função.

Nesse sentido, padrões sintáticos como “Ninguém manda X”, observados em enunciados como “Ninguém manda morar em cidade pequena, né?!” (Blogspot) e “Ninguém manda ser viciado em computador kkkkkkkk.” (Wordpress), compartilham não apenas a estrutura fixa “Ninguém Manda + *Slot X*”, mas também uma base semântica subjacente que ativa uma cena de repreensão ou advertência dirigida ao alvo da ação. Em outras palavras, a construção em questão constitui uma unidade simbólica que transcende a simples soma de seus elementos formais, articulando um significado convencionalizado profundamente enraizado no uso linguístico e cultural.

A construção analisada caracteriza-se como uma construção semipreenchida lexicalmente, composta por uma forma fixa, “Ninguém manda”, e um *slot* “X” com configuração específica. Esse *slot* exige, obrigatoriamente, o preenchimento por um verbo no infinitivo, podendo ser precedido, de forma opcional, por um Sintagma Nominal sujeito, além de complementos ou adjuntos. Essa configuração reflete uma restrição sintática da construção, delimitando os elementos estruturais que devem ou podem compor a sequência para que seja reconhecida como gramatical e coerente no contexto do português brasileiro.

Na construção, tanto o verbo “manda”, conjugado no presente do indicativo, quanto o verbo que preenche o *slot* “X”, em sua forma de infinitivo presente, contribuem para a interpretação semântica e pragmática da estrutura. Conforme é destacado pelo Dicionário de Linguística (Dubois *et al*, 2014, p. 452), o tempo presente pode ser entendido como aquele que “situa o enunciado no instante da produção da fala” ou, ainda, como atemporal, quando “traduz as proposições consideradas como permanentemente verdadeiras”. A segunda acepção nos parece a mais adequada para situar o papel do tempo presente do indicativo nas construções de repreensão aqui estudadas.

A Gramática das Construções, ao enfatizar a interação entre forma e função e seu vínculo com padrões culturais e cognitivos, oferece uma visão detalhada sobre a dinâmica entre estrutura e significado no uso linguístico. No entanto, para uma análise mais ampla das práticas discursivas, é fundamental considerar outras perspectivas que investiguem a relação entre linguagem, contexto e interação social. Nesse sentido, a Gramática Sistemico Funcional (GSF) contribui ao explorar como os elementos linguísticos se integram às práticas discursivas por meio do sistema de Avaliatividade.

2 Gramática Sistêmico-Funcional (GSF): sistema de avaliatividade

A GSF, de Michael Halliday, compreende a linguagem como um sistema de escolhas que os falantes fazem para se comunicar em diferentes contextos sociais e culturais, considerando também os gêneros textuais. Segundo Cruz (2018, p. 208) “a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma teoria que possibilita a análise de dados léxico-gramaticais em conexão com dados contextuais, evidenciando aspectos sociais, culturais e políticos”. A GSF investiga como os componentes linguísticos se integram às práticas discursivas e explora como a língua é usada para realizar significados em seu contexto de uso.

Um dos sistemas centrais da GSF é a Avaliatividade, desenvolvida por James Martin e Paul White, dividida em atitude, engajamento e gradação. Este trabalho foca no subsistema da atitude, que avalia emoções, comportamentos e objetos, com ênfase em como os falantes expressam suas atitudes e influenciam percepções interpessoais. Martin e White (2005) destacam que as escolhas linguísticas refletem preferências lexicais profundamente enraizadas em contextos sociais e culturais, ilustrando o caráter social da linguagem.

De acordo com Cruz (2018), ao dialogar com Martin e White (2005), as escolhas linguísticas feitas pelos falantes são reflexos de preferências lexicais que estão profundamente enraizadas em contextos sociais e culturais. Nesse sentido, “O Sistema de Avaliatividade possibilita ao pesquisador analisar ocorrências avaliativas interpessoais nos discursos, ou seja, de que modo os escritores/falantes se posicionam e/ou avaliam um texto, um objeto [...]” (Cruz, 2018, p. 211). Essa abordagem destaca o caráter social da linguagem e direciona o foco para as interações verbais e escritas, enfatizando os aspectos contextuais e semânticos que moldam o valor avaliativo das escolhas lexicais.

Vian Jr. (2009) contribui para essa discussão ao demonstrar que o Sistema de Avaliatividade permite a gradação de significados no discurso. Em seu estudo, o autor destaca como as escolhas avaliativas são influenciadas por crenças, experiências de mundo e outros fatores contextuais e individuais. Ele observa que:

está relacionada ao sistema e cada uma das escolhas avaliativas feitas pelo usuário, permeadas por outros discursos, por suas crenças, seus julgamentos, suas experiências de mundo, afeto e diversos outros elementos contextuais e individuais serão instanciadas e realizadas no texto léxico-gramaticalmente (Vian Jr., 2009, p. 126).

Oliveira (2014) amplia essa análise ao afirmar que o principal objetivo do sistema de avaliatividade é identificar os recursos avaliativos no discurso e compreender como eles são negociados nas interações interpessoais. Para a autora, os recursos linguísticos de avaliação são

utilizados para expressar posicionamentos positivos ou negativos, influenciando diretamente o status de autoridade construído no texto.

O subsistema da atitude trata das avaliações relacionadas a emoções, comportamentos e objetos. Essa categoria subdivide-se em três áreas principais: afeto, julgamento e apreciação. O afeto aborda a expressão de emoções e está ligado à dimensão subjetiva da linguagem, englobando polaridades como felicidade/infelicidade, segurança/insegurança e satisfação/insatisfação (Oliveira, 2014, p. 252). O julgamento, por sua vez, avalia comportamentos sociais com base em normas éticas e culturais, abrangendo aspectos como moralidade e conformidade com padrões (Cruz, 2018, p. 212). Ele se divide em “estima social” (normalidade, capacidade e tenacidade) e “sanção social” (veracidade e propriedade). Por fim, a apreciação está relacionada à avaliação de objetos e fenômenos, com foco em aspectos estéticos e formais, como reação, composição e valor (Oliveira, 2014, p. 254).

3 Metodologia

Para a realização da pesquisa, fez-se necessário levar em consideração o uso que o falante faz da língua portuguesa (LP), através de dados empíricos retirados da internet. Para tanto, foram selecionados dois domínios digitais amplamente acessados e considerados informais, “WordPress” e “Blogspot”, devido à gratuidade das plataformas, ampla comunidade de usuários e permissividade na criação de conteúdos diversos.

Os dados foram coletados por meio da ferramenta de Busca Avançada do Google, utilizando como critério a identificação das 200 primeiras ocorrências da expressão “Ninguém manda” nos domínios supracitados. Após a coleta, apenas as instâncias válidas associadas a construções de repreensão foram incluídas no banco de dados, totalizando 23 ocorrências no Blogspot e 12 no WordPress. Cada ocorrência foi examinada individualmente e classificada em quatro categorias principais: Construção de Repreensão, Leitura Composicional, Ocorrências Repetidas e Outros, conforme detalhado na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Classificação das instâncias da expressão “Ninguém manda X” por meio da busca avançada nos sites pesquisados

Domínio	Construção de Repreensão	Leitura composicional	Ocorrências repetidas	Outros	Total
Blogspot.com.br	22 resultados válidos (23 ocorrências)	160	12	6	200
Wordpress.com	10 resultados válidos (12 ocorrências)	159	27	4	200

Total de resultados:	32 resultados válidos - 35 ocorrências - (8,75% de ocorrências)	319 (79,75%)	39 (9,75%)	10 (2,5%)	400 (100%)
-----------------------------	---	------------------------	----------------------	---------------------	----------------------

Fonte: Autoria própria.

A análise considerou os seguintes aspectos: (I) Construção de Repreensão – 35 ocorrências, como no exemplo “Ah meu, ninguém manda ele me deixar ir pra esses lugares. Se vier um cara gatinho do meu lado eu tô pegando, tô nem aí.” (Blogspot); (II) Leitura Composicional – 319 casos em que a expressão assume uma interpretação literal, como em “Ninguém sabe para onde vamos, ninguém manda em quem somos.” (WordPress), indicando ausência de um mandante explícito; (III) Ocorrências repetidas – 39 instâncias que foram identificadas em duplicata em diferentes domínios, ou seja, frases com conteúdo idêntico presente nos dois sites analisados; e (IV) Outros – 10 casos descartados devido a fatores como falhas de acesso às páginas.

Em seguida, foi criado um arquivo contendo os textos válidos — aqueles que, de fato, configuram construções de repreensão. Esses textos foram copiados na íntegra para permitir uma análise detalhada. Com os dados validados e classificados, procedeu-se à análise sintática das 35 ocorrências identificadas. Primeiramente, caracterizamos e quantificamos os verbos no infinitivo. Na sequência, delineamos a organização sintática de cada dado, verificando a presença de SN sujeitos, de verbos e especificando suas naturezas. Finalmente, identificamos a presença ou ausência de expressões linguísticas de crítica e/ou xingamento.

Após a validação e classificação dos dados, foi elaborado um arquivo contendo exclusivamente os textos que configuram construções de repreensão, copiados na íntegra para viabilizar uma análise detalhada. Com base nas 35 ocorrências identificadas, procedeu-se à análise, apresentada na próxima seção.

4 Resultados e discussões dos dados

Os resultados estão organizados em três subseções: a configuração gramatical das estruturas formadas por “Ninguém Manda X”, com base na Gramática de Construções; o agrupamento dos alvos, locutores das repreensões e sites analisados; e a análise do Sistema de Avaliatividade, com foco nas categorias de Afeto, Julgamento e Apreciação.

A análise construcional é conduzida em três etapas: descrição dos esquemas construcionais; categorização e quantificação dos verbos no infinitivo quanto à ocorrência e função; e identificação de expressões de crítica ou xingamento, avaliando julgamentos

negativos ou insultos. Além dos aspectos relacionados ao esquema construcional, também será discutido como se configuram os alvos e os interlocutores das instâncias de repreensão nos dados investigados. Por fim, será apresentado o mapeamento dos recursos usados para a avaliação atitudinal (Teoria da Avaliatividade).

4.1 Configuração gramatical das estruturas formadas por “Ninguém Manda X”

A construção “Ninguém manda X” exemplifica como a gramática pode gerar significados complexos que transcendem a mera soma das palavras que a compõem. Segundo Goldberg (1995), uma construção gramatical representa uma unidade de forma e função cujo significado não pode ser apreendido apenas pela análise composicional das partes individuais. Quando analisada isoladamente, a expressão sugere apenas a ausência de um mandante em relação a um evento, sem carregar a carga semântica de repreensão. No entanto, é no contexto de uso dessa construção, associado ao conhecimento pragmático e idiomático dos falantes do PB, que emerge de forma clara e eficaz a função de repreensão.

No que se refere à forma, a construção estudada apresenta uma configuração estrutural fixa composta pelo pronome indefinido “ninguém”, que denota ausência de um agente responsável, seguido do verbo “mandar” conjugado no presente do indicativo, e pelo *slot* “X”, preenchido por um verbo no infinitivo que pode ou não estar acompanhado por um complemento. A função de repreensão é ativada pelo verbo no infinitivo presente em “X”, como na ocorrência (1), em que a ação expressa por “ser marica” se torna o alvo da censura:

- (1) – Também, ninguém manda ser marica!
– Caramba... é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito! Fala sério, Galileu! Onde já se viu falar assim do amigo?
– Ok. Mas que ele é marica ah isso é. (Wordpress)

Essa construção pode apresentar uma função pragmática de censura ou proibição implícita, em que o pronome “ninguém” atua como um agente universal, indicando que a ação descrita em “X” não deve ser realizada por qualquer indivíduo. Nesse contexto, o verbo “mandar” adquire um caráter imperativo, mesmo estando flexionado no presente do indicativo, ao transmitir uma ordem ou proibição de caráter generalizado, sem destinatário específico.

Além disso, a flexibilidade da construção permite variações em sua configuração, como a inclusão de complementos após o verbo no infinitivo, possibilitando a adaptação a diferentes contextos discursivos e ampliado as nuances de reprovação. Essa relação intrínseca entre forma e função ilustra o caráter dinâmico das construções linguísticas, conforme descrito por

Goldberg (1995), destacando como cada ocorrência concreta contribui para a compreensão e expansão dos padrões subjacentes da língua. A Figura 1 a seguir evidencia a relação entre forma e função, inspirada pela proposta de Goldberg (1995) e adotada nesta pesquisa para análise.

Figura 1 – Proposta de Relação entre forma e função da construção “NINGUÉM MANDA X”



Fonte: Elaboração própria.

A relação entre forma e função na construção não se limita aos casos em que “X” é preenchido por um verbo no infinitivo. Essa dinâmica pode ser observada em ocorrências como a expressão “Ninguém manda”, em que a forma está reduzida à expressão fixa, sem a presença de verbos ou complementos. Ainda assim, o contexto pragmático evidencia um valor significativo de repreensão, como na ocorrência (2), extraída do Wordpress, que também apresenta outras variações da mesma construção:

(2) O pior foi que o árbitro começou a roubar pro SPFC depois do intervalo... ou seja, o que será que aconteceu no intervalo... hummm... o gol anulado foi corretamente indeferido. Mas alguém não notou isso. Também bem-feito. Santos, VASSALO DO SPFC, roubado pelo senhor. Ninguém manda beijar a mão. UM TRISTE FINAL PARA UM NOBRE TORNEIO. NINGUÉM MANDA SANTOS, NINGUÉM MANDA (Wordpress).

Esse enunciado reforça a expressão “ninguém manda” (sem verbo explícito, possivelmente pela elipse de “beijar”) destacando uma repreensão implícita ao Santos. Assim, mesmo que a estrutura não inclua todos os elementos previstos inicialmente, o contexto específico conferiu à construção um valor interpretativo de repreensão.

Outro aspecto que intensifica a força de repreensão da construção é a presença de elementos linguísticos e contextuais que ampliam esse tom avaliativo. Exemplos coletados incluem a utilização de termos como “imbecil”, “bem feito”, “burro”, “tontas”, “também

puдера” e “vaca”. Esses elementos não apenas reforçam o caráter reprovador da expressão, mas também aumentam sua intensidade semântica e pragmática.

Consideremos, por exemplo, as ocorrências (3) e (4) retiradas do Wordpress, em que o uso de adjetivos pejorativos como “imbecil” e “burro” intensificam a reprimenda implícita, adicionando uma camada explícita de julgamento.

(3) Eu já tinha publicado que isso dá MUITO certo (SQN). Agora, o que noticiaram? Mulherada reclamando que a doula...a parteira hipster “receitou” um chazinho que causa malformação fetal. Eu até riria se não fosse trágico. Não, péra! Eu rio, mesmo. Ninguém manda ser imbecil que ainda vive na era pré-científica. (Wordpress).

(4) E o pessoal afirmando que “estragaram” a franquia, pela inclusão de LGBTs (ou qualquer outro motivo do tipo que incomoda um “conservador”). Peraí, cara, tu jogou o primeiro game mesmo?? A Ellen já era gay lá. Claro, não era evidente, até porque ela era uma criança e não tinha porque sexualidade ser abordada, mas tava lá, subentendido. Ninguém manda ser burro por não notar. (Wordpress).

De maneira semelhante, expressões como “bem feito” e “também puдера” reforçam a reprovação, ao introduzirem um elemento de julgamento moral que acentua a censura e sugerem consequências negativas das ações mencionadas, como ilustram as ocorrências (5) e (6):

(5) Também bem-feito. Santos, VASSALO DO SPFC, roubado pelo senhor. Ninguém manda beijar a mão. UM TRISTE FINAL PARA UM NOBRE TORNEIO. NINGUÉM MANDA SANTOS, NINGUÉM MANDA (Wordpress).

(6) E a Nice se remoia... As vezes de ciúmes, as vezes de necessidades,mas vivia a se remoer. Seu marido, o Paulo,não mais se fiava na condição de macho, embora não fosse tão velho (62 anos), mas jurava de pé junto(como se fosse defunto, e olha que já estava mesmo pra defunto), que não havia mulher nenhuma na vida dele (e ele tava certo, pois nem a Nice era mulher na sua vida (também puдера, ninguém manda casar com mulher muito mais nova) (Blogspot).

Esses elementos linguísticos e contextuais operam como amplificadores do valor de repreensão, tornando a intenção comunicativa mais clara e incisiva. Assim, conclui-se que a eficácia pragmática da construção “Ninguém manda X” depende não apenas de sua estrutura básica, mas também da interação com elementos adicionais que carregam conotações avaliativas, reforçando a mensagem reprovadora e maximizando seu impacto discursivo.

Além das informações supracitadas, este estudo aprofunda a análise da construção gramatical a partir da elaboração de um banco de dados composto por exemplos reais de uso. Para tal, foi realizada uma análise detalhada das estruturas sintáticas das ocorrências coletadas, com posterior categorização em configurações identificadas. No total, foram reconhecidas 13 configurações distintas, das quais as quatro mais frequentes estão detalhadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Relação das configurações sintáticas das aparições

Configuração	Ninguém Manda + Vinf ligação + predicativo	Ninguém Manda + SN + Vinf + complemento	Ninguém Manda + Vinf + complemento	Ninguém Manda + Vinf + complemento + adjunto adverbial
Número de ocorrências	8 (22,85%)	7 (20%)	7 (20%)	3 (8,57%)

Fonte: Autoria própria.

O padrão predominante, “Ninguém manda + Vinf ligação + predicativo” (22,85%), pode evidenciar uma preferência por representações avaliativas com estrutura de uma repreensão direcionada não a ações propriamente executadas pelo elemento alvo da crítica, mas a algum aspecto de sua identidade, como características físicas ou comportamentais. Vejamos as ocorrências (7) e (8):

(7) E o pessoal afirmando que “estragaram” a franquia, pela inclusão de LGBTs (ou qualquer outro motivo do tipo que incomoda um “conservador”). Peraí, cara, tu jogou o primeiro game mesmo?? A Ellen já era gay lá. Claro, não era evidente, até porque ela era uma criança e não tinha porque sexualidade ser abordada, mas tava lá, subentendido. Ninguém manda ser burro por não notar (Wordpress).

(8) Robert - que está namorando sua co star de Crepúsculo Kristen Stewart - também admite que sua fama freqüentemente faz dele um "paranóico". "Você quer tomar o controle o tempo todo e isso é impossível", disse ele. "É bom às vezes. Você fica meio paranóico, mas te permite pelo menos fazer os filmes que você quer fazer." Ninguém manda ser talentoso e gostoso, né pessoal? (Blogspot).

O enunciado (7) expressa claramente uma repreensão, voltada para características intelectuais, evidenciada pelo atributo de conotação semântica negativa “burro”. No entanto, no enunciado (8), apesar de manter a estrutura formalmente associada à repreensão, o que se manifesta é uma avaliação positiva de atributos físicos e de desempenho, indicando um deslizamento pragmático da construção. Isso pode revelar uma ampliação do espectro de uso da construção estudada, cuja extensão de significados pode oscilar entre, de um lado, uma repreensão propriamente dita - marcada por censura ou crítica negativa - e, no outro extremo, uma forma irônica ou enfática de elogio. No caso da ocorrência (8), utiliza-se uma estrutura convencionalmente reconhecida como forma de repreensão para, na verdade, enaltecer determinadas qualidades do sujeito mencionado.

As duas configurações seguintes, com frequência idêntica (20%), são: “Ninguém manda + SN + Vinf + complemento” e “Ninguém manda + Vinf + complemento”. Essas configurações podem ser exemplificadas, respectivamente, pelas ocorrências (9) e (10):

(9) Também serão rejeitados os que eventualmente disserem algo como: “Bem feito! Ninguém manda o UOL puxar o saco de esquerdistas”. Este blog defende a liberdade de imprensa, inclusive a liberdade de errar e arcar com as consequências LEGAIS, NÃO COM AS ILEGAIS (Blogspot).

(10) E tem todo aquele discurso de que mulher gosta dos normais pra fazer os homens não se sentirem mal, e tem muitas que gostam do normal, mas não tem nada de mal uma mulher gostar de grandão, os homens tbm gostam de peitão e ninguém manda casar com uma vaca (Blogspot).

O exemplo (9) mantém a forma típica da repreensão, mas revela um julgamento ideológico explícito, criticando a suposta parcialidade do veículo de imprensa. A estrutura é usada para introduzir uma censura moral ou política, ligada à responsabilização por uma atitude considerada tendenciosa; e, nesse caso, o alvo da repreensão ocorre de forma explícita por meio do SN “o UOL”. Na ocorrência (10), o conteúdo é crítico e depreciativo, ativando diretamente a função de repreensão em sua acepção negativa; e é construído de forma a recuperar o alvo da crítica de forma implícita, uma vez que o sujeito de “casar” é inferido como “os homens”.

A similaridade quantitativa entre essas construções indica uma tendência a variações sintáticas próximas em termos de preferência de uso, ainda que com diferenças no tipo de julgamento que veiculam. A soma dessas configurações equivale a 14 ocorrências. Importante ressaltar que a única diferença é a presença (ou ausência) de um Sintagma Nominal que, na construção, explicita o sujeito alvo da repreensão.

Por fim, a quarta configuração destacada é “Ninguém Manda + Vinf + complemento + adjunto adverbial”, presente em 8,57% das ocorrências. Observa-se essa estrutura na ocorrência (11):

(11) Ouvi todo sermão que eu saberia que ouviria “Ninguém mandou comprar um celular caro desse”, “Vai ficar pagando um celular que nem tem mais”, “eu te falei pra colocar seguro”, “ninguém manda ficar andado com o celular na rua” “mi, mi,mi” (Wordpress).

Nesse caso, podemos inferir que a inserção do Adjunto Adverbial de lugar “na rua” demarca o aspecto sobre o qual recai a crítica. O enunciado reproduz de forma irônica um discurso alheio, ou seja, simula a fala de alguém que teria feito essa crítica. A ironia reforça a censura implícita à postura da pessoa que culpabiliza a vítima, evidenciando o uso da construção como recurso de crítica indireta e contestação.

Esses dados ressaltam a possível variabilidade estrutural da construção e sua adaptação a diferentes contextos pragmáticos e discursivos, evidenciando sua complexidade e funcionalidade dentro da gramática do português brasileiro. Ressaltamos que a análise da

dimensão avaliativa dessas construções será aprofundada na seção 4.3, dedicada ao sistema de avaliabilidade (Martin; White, 2005).

Além disso, na construção estudada, os verbos mais recorrentes são o “ser”, “fazer”, “ter” e “dar”. O verbo “ser” destacou-se com 10 aparições, sendo o mais utilizado na estrutura. Essa frequência pode estar relacionada ao fato de que é mais direto e definitivo repreender alguém por algo que é, uma vez que a essência de ser algo é vista como imutável e, portanto, mais passível de crítica. Em contraste, os verbos “fazer”, “ter” e “dar” apareceram com três ocorrências cada, podendo indicar uma ênfase nas ações e nos contextos em que a repreensão é dirigida para o comportamento ou as escolhas pessoais.

Ainda, o verbo “mandar” ocupa um papel central na configuração analisada. O uso do presente do indicativo em “manda” reforça uma noção de verdade generalizada ou de julgamento contínuo, enquanto o infinitivo no *slot* “X” amplia essa noção ao expressar ações ou estados de maneira atemporal. Essa combinação temporal sugere dimensão de repreensão ou advertência direcionada a um comportamento ou escolha específica, muitas vezes interpretada como uma atitude passível de crítica. Vejamos as ocorrências (12) e (13):

- (12) - odiei minha prof falou que são 8 valencias fisicas e agr vou me ferrar :x
- problema é seu poorra tenho nda haver com isso kkkk
- Também acho problema seu, ninguém manda ser burra eu adorei ajudou bastante (Blogspot).
- (13) Eu já tinha publicado que isso dá MUITO certo (SQN). Agora, o que noticiaram? Mulherada reclamando que a doula...a parteira hipster “receitou” um chazinho que causa malformação fetal. Eu até riria se não fosse trágico. Não, péra! Eu rio, mesmo. Ninguém manda ser imbecil que ainda vive na era pré-científica (Wordpress).

Na ocorrência (12), a forma verbal “manda” atua como um julgamento enfático sobre a interlocutora, e o uso do adjetivo “burra” acentua o valor da crítica, configurando um juízo moral explícito. Já no enunciado (13), a construção evidencia a crítica a uma suposta ignorância intelectual, expressa pelo termo “imbecil”. Em ambos os casos, o presente do indicativo estabelece um tom categórico e assertivo, que dialoga diretamente com a restrição sintática e a base semântica da construção.

4.2 Agrupamento: alvos, locutores das repreensões e sites

A análise de 35 ocorrências da construção linguística “Ninguém manda X” evidenciou que 12 das interações ocorreram no Wordpress, enquanto 23 foram encontradas no Blogspot, representando, juntas, 8,75% dos dados coletados. Esse número permite considerar o papel dessas plataformas como espaços privilegiados de liberdade editorial, que promovem a

utilização de uma linguagem espontânea e fortemente conectada à comunicação cotidiana. Esses *blogs* são canais propícios para a expressão de opiniões pessoais e narrativas informais, favorecendo o surgimento de construções idiomáticas e criativas.

A análise revelou que 60% das ocorrências da construção estavam presentes no corpo principal das postagens, enquanto 40% foram encontradas em comentários. Esses dados podem indicar que, em sua maioria, as repreensões estão diretamente integradas ao conteúdo principal, assumindo um papel central nas narrativas textuais. Nos contextos dos sites informais, qualquer indivíduo pode criar uma publicação, ampliando as possibilidades discursivas para além das interações restritas aos comentários.

Por meio da construção “Ninguém manda X”, realizar-se-á uma análise detalhada para compreender quem realizava as repreensões e quem se tornava alvo, bem como entender os papéis discursivos. Esses dados podem ser observados na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 – Relação dos locutores das repreensões

Mandante	Mulher autora	Homem autor	Anônimo autor/autora	Mulher comentarista	Homem comentarista	Anônimo comentarista
Número de ocorrências	8 (22,85%)	10 (28,57%)	2 (5,71%)	8 (22,85%)	0 (0%)	7 (20%)

Fonte: Autoria própria.

Os resultados mostram que os homens predominam como autores das postagens (28,57%), enquanto as mulheres têm maior participação nas interações dos comentários (22,85%). Essa dinâmica sugere refletir uma diferenciação nos papéis discursivos assumidos por homens e mulheres nesses ambientes: enquanto os homens frequentemente utilizam o espaço principal do texto para realizar as repreensões, as mulheres demonstram uma interação mais ativa e colaborativa nos comentários.

Além disso, a análise dos alvos da repreensão foi fundamental para uma compreensão mais detalhada de sua aplicação discursiva, conforme indicado na Tabela 4.

Tabela 4 – Relação dos alvos da construção

Alvos	Sexo masculino - individualmente	Sexo feminino - individualmente	Grupo de pessoas	Grupo de mulheres	Grupo de homens	Futebol	Instituições e marcas
Número de ocorrências	12 (34,28%)	10 (28,57%)	5 (14,28%)	2 (5,71%)	2 (5,71%)	3 (8,57%)	1 (2,85%)

Fonte: Autoria própria.

Como visto na Tabela 4, o sexo masculino, individualmente considerado, constitui o principal alvo das repreensões, com 34,28% das ocorrências. Essa prevalência pode estar relacionada a fatores culturais e sociais, como a maior focalização e exposição do universo masculino em contextos públicos e midiáticos, em que tais repreensões são mais frequentes. Adicionalmente, tal predominância pode refletir um padrão discursivo de responsabilização e avaliação negativa do comportamento masculino em contextos de interação interpessoal e social.

A centralidade dos homens como alvos de repreensão pode estar associada à construção histórica de papéis de gênero que reforçam sua presença como figuras de maior visibilidade e autoridade em determinadas esferas, tornando-os mais suscetíveis a julgamentos e reprovações. Esse fenômeno também pode estar ligado à naturalização do discurso de repreensão direcionado ao comportamento masculino, especialmente em espaços em que expectativas normativas de conduta são mais marcadas.

Em contrapartida, os grupos coletivos (homens e mulheres), as instituições/marcas e o futebol apresentam frequências significativamente menores, com duas ocorrências (5,71%), uma ocorrência (2,85%) e três ocorrências (8,57%), respectivamente. Esses dados revelam indícios de que as repreensões direcionadas a grupos e entidades institucionais são menos comuns do que aquelas dirigidas a indivíduos, refletindo uma possível personalização das críticas nesses ambientes. Além disso, a baixa incidência de repreensões direcionadas a instituições e marcas pode indicar uma percepção de maior distância entre o falante e esses alvos, o que pode limitar a eficácia da crítica ou sua relevância em situações cotidianas.

Dentre os 35 casos de repreensão analisados, destaca-se a presença de quatro ocorrências (11,42%) classificadas como autorrepreensão, nas quais o falante critica suas próprias ações, como a ocorrência (14):

(14) Era um programa de música, daqueles que as bandas vão lá e tocam sabe. Pra ser bem sincero eu não conhecia NENHUMA BANDA, afinal ninguém manda eu ver um programa de música gringa né! (Blogspot)

Nesse caso, o autor expressa uma autocrítica por não conhecer as bandas apresentadas, atribuindo isso à sua escolha de consumir conteúdo internacional. O uso da construção de repreensão, geralmente voltada para o outro, é deslocado aqui para uma dimensão introspectiva, permitindo que o falante critique suas próprias ações. Essa aplicação reflete um uso singular da construção, transcendendo a crítica externa para incorporar elementos de autoavaliação.

4.3 Sistema de avaliatividade - Afeto, Julgamento e Apreciação

O sistema de Avaliatividade, estruturado em três campos semânticos – Julgamento, Apreciação e Afeto –, oferece uma abordagem abrangente para analisar os aspectos atitudinais presentes nas interações discursivas. A partir desse enquadramento semântico, foi possível examinar as relações entre a construção e as avaliações expressas nos dados, cujos resultados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Campos semânticos das avaliações presentes nos dados

Julgamento	AVALIAÇÕES (35 OCORRÊNCIAS)		
	Apreciação	Afeto	Híbrido (mais de um tipo de avaliação)
26	3	1	5

Fonte: Autoria própria.

As avaliações classificadas como híbridas destacam-se por apresentarem elementos de mais de um subsistema atitudinal em uma única construção. Um exemplo é a ocorrência (15):

(15) É, fazer o que, né? Ninguém manda essa gente feia e pobre não gostar de trabalhar e não ser capaz de poupar dinheiro! Claramente não é culpa de nenhum dos investidores que o sistema continue existindo e prejudicando a vida de tantas pessoas! (Blogspot).

Essa ocorrência reúne simultaneamente o Julgamento de Estima Social (Capacidade/negativo) e o Afeto (Inclinação/desejo), demonstrando a coexistência de diferentes campos semânticos em um único enunciado. O Julgamento de Estima Social é expresso pela crítica a “não ser capaz de poupar dinheiro”, enquanto o Afeto aparece na conotação negativa associada “não gostar de trabalhar”, que sugere um julgamento de não inclinação ao trabalho e à poupança, tidos como comportamentos desejáveis. A construção combina, portanto, uma reprovação moral com um desejo implícito de que as pessoas se ajustem a um padrão socialmente valorizado, criando uma avaliação híbrida complexa.

Essa sobreposição ilustra a complexidade das avaliações híbridas, nas quais o sentido de reprovação ou ironia se fortalece pela mobilização simultânea de múltiplas dimensões semânticas. Tais construções demandam uma análise criteriosa para desvelar as nuances discursivas e os impactos avaliativos envolvidos. Em última instância, o fenômeno evidencia a maleabilidade do sistema de Avaliatividade, capaz de articular sentidos complementares ou contraditórios para intensificar o efeito retórico e persuasivo do enunciado.

4.3.1 Afeto

O subsistema Afeto está relacionado às emoções expressas pelo autor ou falante, refletindo visões positivas ou negativas por meio de relatos das respostas emocionais. Esse subsistema é subdividido em quatro categorias principais: felicidade/infelicidade, segurança/insegurança, satisfação/insatisfação e inclinação/desinclinação.

A categoria felicidade/infelicidade está relacionada a emoções que envolvem experiências afetivas, como tristeza, raiva, amor e alegria. Segurança/insegurança, por sua vez, refere-se às emoções relacionadas ao bem-estar social do indivíduo, englobando sentimentos como ansiedade, confiança e medo. Satisfação/insatisfação refere-se a emoções derivadas de realizações e objetivos, como tédio, desprazer e respeito. Por fim, inclinação/desinclinação diz respeito a atitudes que indicam predisposição ou aversão, com a inclinação representando uma postura favorável e a desinclinação, uma posição negativa ou contrária.

Nos dados analisados, foram identificadas cinco ocorrências associadas ao subsistema Afeto, cuja classificação detalhada encontra-se na Tabela 6.

Tabela 6 – Classificação das ocorrências em afeto

Afeto (5 ocorrências)							
Felicidade	Infelicidade	Segurança	Insegurança	Satisfação	Insatisfação	Inclinação	Desinclinação
0	0	1	0	0	0	4	0

Fonte: Produção própria.

Das cinco ocorrências, apenas uma foi exclusivamente caracterizada como Afeto, sendo classificada na categoria Inclinação. As demais apresentaram uma avaliação híbrida, combinando Afeto com Julgamento. No caso exclusivo, destacamos a ocorrência (16):

(16) Amanda sorrindo toda safada disse: -que irmão dedo duro que eu tenho...agora vai falar mal de mim...é? Não fiz nada demais...o que posso fazer se os carinhas ficam loucos pra me beijar...ninguém manda as tontas darem moleza (Blogspot).

Nesse enunciado, a expressão emocional é evidenciada no tom coloquial e no desabafo, com o uso de termos como “dedo duro” e “tontas”. Embora a construção transmita frustração e desprezo, ela não aponta para um julgamento severo sobre as ações dos outros, mas sim uma manifestação mais pessoal e emocional. Por outro lado, têm-se as ocorrências híbridas, como o enunciado (17):

(17) É, fazer o que, né? Ninguém manda essa gente feia e pobre não gostar de trabalhar e não ser capaz de poupar dinheiro! Claramente não é culpa de nenhum dos investidores que o sistema continue existindo e prejudicando a vida de tantas pessoas! (Blogspot)

Essas ocorrências ilustram como o Afeto se entrelaça com avaliações normativas. No exemplo (17), o sentimento de desdém, expresso pela escolha de palavras, como “gente feia e pobre”, é permeado por críticas severas que abordam questões sociais e econômicas. Tal combinação ressalta a importância de uma análise detalhada para compreender os múltiplos níveis de significação presentes em enunciados avaliativos, evidenciando como o sistema de Avaliatividade captura as dinâmicas emocionais e normativas que permeiam as interações cotidianas.

4.3.2 Julgamento

De acordo com Cruz (2018), o subsistema Julgamento compreende a avaliação de atitudes e comportamentos com base em normas e expectativas sociais e culturais. Essa dimensão divide-se em dois grupos: Estima Social e Sanção Social. O Julgamento de Estima Social envolve avaliações que afetam a posição social de uma pessoa, seja positivamente ou negativamente, e inclui três subcategorias: Normalidade, que avalia a conformidade ou desvio em relação a padrões esperados; a Capacidade, que considera habilidades ou competências; e a Tenacidade, que mede determinação ou persistência. Por outro lado, o Julgamento de Sanção Social refere-se a avaliações de natureza moral, ética ou religiosa, e subdivide-se em Veracidade (sinceridade ou honestidade) e Propriedade (ética ou moralidade).

Na análise das 35 ocorrências de repreensão, observou-se que 29 foram classificadas como Julgamentos. Dentre estas, 26 enquadram-se como Estima Social e três como Sanções Sociais. A Tabela 7 apresenta a distribuição das ocorrências de Estima Social segundo as subcategorias e suas polaridades.

Tabela 7 – Julgamentos classificados na instância de estima social

Julgamento de estima social (26 ocorrências)					
Normalidade		Capacidade		Tenacidade	
Negativo	Positivo	Negativo	Positivo	Negativo	Positivo
3	0	15	6	3	1

Fonte: Produção própria.

Os dados revelam a predominância de avaliações relacionadas à Capacidade, com

destaque para 15 ocorrências negativas. Um exemplo desse tipo de avaliação é a ocorrência (18):

(18) Mulherada reclamando que a doula parteira hipster ‘receitou’ chazinho que causa malformação fetal. Eu até riria se não fosse trágico. Não, péra! Eu rio, mesmo. Ninguém manda ser imbecil que ainda vive na era pré-científica (Wordpress).

Aqui, a repreensão é direcionada a um grupo de mulheres que confiam em recomendações de chás feitas por parteiras sem respaldo científico, refletindo um julgamento crítico sobre a falta de conhecimento científico. O uso do termo “imbecil” carrega um julgamento negativo sobre a capacidade de discernir informações cientificamente comprovadas, indicando uma crítica à falta de conhecimento ou à falta de senso crítico.

Por outro lado, há também seis Julgamentos de Capacidade positivos. Um exemplo é o enunciado (19):

(19) Pois é, não resisti e deixei mais algumas Dilmás no Boticário. Ninguém manda a marca fazer bons produtos, né? Só que até que fui econômica, nem trouxe a loja toda... (Wordpress).

Neste caso, o Julgamento é positivo em relação à marca *O Boticário*, que é elogiada por produzir bons produtos, levando a compradora a gastar considerável dinheiro. Esse exemplo demonstra como avaliações positivas de Capacidade podem reforçar a percepção de valor e qualidade associada a uma marca, mesmo que resultem em despesas para o consumidor.

No que diz respeito à subcategoria Normalidade, todas as três ocorrências identificadas apresentaram polaridade negativa. Uma delas é ilustrada pelo enunciado (20):

(20) Sabe que estou atrás de um sabonete líquido bom?! Minha pele é muito oleosa... Esse parece ser uma boa dica, pena que nunca vi aqui onde moro para vender. Também, ninguém manda morar em cidade pequena, né?! kkkk (Blogspot).

Nesse caso, trata-se de uma autorrepreensão, em que a pessoa expressa frustração por não conseguir encontrar um sabonete líquido adequado em sua cidade. A expressão "ninguém manda morar em cidade pequena" é usada de maneira irônica para refletir a frustração sobre a limitação de opções disponíveis no local em que a pessoa reside. A situação ilustra como esse tipo de avaliação pode refletir sentimento de frustração diante de circunstâncias pessoais.

Por fim, a subcategoria Tenacidade apresentou quatro ocorrências, sendo três negativas e uma positiva. Um exemplo de Tenacidade negativa aparece na ocorrência (21):

(21) O pior foi que o árbitro começou a roubar pro SPFC depois do intervalo... ou seja, o que será que aconteceu no intervalo... hummm... o gol anulado foi corretamente indeferido. Mas alguém não notou isso. Também bem-feito. Santos, VASSALO DO SPFC, roubado pelo senhor. Ninguém manda beijar a mão. UM TRISTE FINAL PARA UM NOBRE TORNEIO. NINGUÉM MANDA SANTOS, NINGUÉM MANDA (Wordpress).

Em (21), a crítica reflete descontentamento intenso em relação a um time de futebol (Santos), com uso de linguagem figurativa (bem-feito) para enfatizar o julgamento. O termo "vassalo do SPFC" reforça uma crítica severa à postura avaliada como subalterna e pouco obstinada do Santos diante do São Paulo FC.

Em contraste, uma ocorrência positiva de Tenacidade demonstra um tom mais leve, como o enunciado (22):

(22) Ninguém Manda Ser Viciado em Computador kkkkkkkkkk (Wordpress).

Esse exemplo revela uma abordagem humorada em relação ao comportamento de ser “viciado em computador”. A expressão é usada de maneira mais descontraída e irônica, sinalizando que a construção de repreensão também pode ser utilizada em contextos mais leves e engraçados. Esse tipo de avaliação, mais positivo, destaca a diversidade de tons e intenções nos Julgamentos identificados.

Os Julgamentos classificados como de Sanção Social revelam uma avaliação moral ou ética que reflete normas socialmente estabelecidas. Conforme ilustrado na Tabela 8, todas as ocorrências observadas são de caráter negativo.

Tabela 8 – Julgamentos classificados na instância de sanção social

Julgamento de sanção social (3 ocorrências)			
Veracidade		Propriedade	
Negativo	Positivo	Negativo	Positivo
2	0	1	0

Fonte: Produção própria

Dentre as três aparições analisadas, uma foi classificada como Propriedade. Um exemplo elucidativo é a ocorrência (23):

(23) E sabe quem as vezes sofre mais com isso? Quem se mete. Mas bem feito, ninguém manda querer fofocar (Blogspot).

Essa declaração caracteriza a fofoca como um comportamento imoral, sugerindo implicitamente que aqueles que se envolvem nesse tipo de prática enfrentam as consequências

naturais de suas ações. A expressão "ninguém manda querer fofocar" funciona como uma repreensão que atribui aos envolvidos na fofoca a responsabilidade pelas consequências negativas que podem advir dessa atitude. A construção, ao enfatizar a "consequência natural", sugere uma crítica moral a comportamentos sociais indesejáveis, como a fofoca.

No caso das duas ocorrências classificadas como Veracidade, destaca-se a seguinte ocorrência (24):

(24) Ninguém manda o pai dela ser um baita de um hipócrita. Ele tinha mesmo é que ir pra cadeia por espancar a menina (Blogspot).

Aqui, o uso do termo "hipócrita" aponta para uma avaliação negativa da integridade moral do pai, descrevendo-o como alguém desprovido de autenticidade e que, por suas ações violentas, merece punição. Tal exemplo sublinha como os Julgamentos de Sanção Social permitem evidenciar a falta de veracidade e reforçar a necessidade de responsabilização ética ou legal.

4.3.3 Apreciação

A Apreciação “envolve avaliação de fenômenos naturais e semióticos, de acordo com as formas em que eles são valorizados ou não em um determinado campo” (Martin e White, 2005, p. 42 *apud* Oliveira, 2014, p. 254), ou seja, a atenção se volta ao objeto da avaliação. Há três tipos de Apreciação: Reação, que reflete as respostas emocionais; Composição, que avalia a complexidade do objeto analisado; e Valor, que verifica a relevância ou inovação do objeto. As apreciações podem ser expressas de forma positiva ou negativa.

Nos dados coletados, identificaram-se quatro ocorrências categorizadas como Apreciação, todas relacionadas à subcategoria de Reação, como sintetizado na Tabela 9.

Tabela 9 – Classificação das ocorrências em apreciação

Apreciação (4 ocorrências)		
Reação	composição	valor
4	0	0

Fonte: Produção própria.

Um exemplo de Apreciação negativa pode ser observado na ocorrência (25), retirada do Blogspot:

(25) Praticamente todas as moças do internato tem uma relação muito sistemática com os pais e obedecem todas as regras que são impostas pela amarga e vazia Srta. Minchin

(Eleanor Bron), que administra o local. Logo no início ela fica incomodada com a criatividade e o jeito de Sara, que cativa rapidamente a maioria das meninas (Ninguém manda ser chata, só porque ninguém te quer, nojenta!) (Blogspot).

No caso do enunciado (25), a frase expressa uma crítica direta, carregada de descontentamento, em relação à pessoa mencionada. A avaliação é negativa e resulta de um julgamento que reflete sentimentos de rejeição e inferioridade, contrastando com a popularidade de Sara. A expressão "ninguém manda ser chata" intensifica a crítica ao comportamento da pessoa, atribuindo-lhe a responsabilidade por ser indesejável, enquanto o adjetivo "nojenta" acentua ainda mais o desdém. A construção serve como uma repreensão agressiva, julgando não apenas a atitude, mas também a personalidade da outra pessoa.

Em contrapartida, Apreciações positivas também foram identificadas, como no enunciado (26):

(26) Acho ok óculos aviador lindo, mas eles infelizmente não ficam bem em mim - Ninguém manda ter nariz pequeno e bochecha grande! Na verdade, o que eu mais uso é uma adaptação do aviador, que acho que fica lindo. Mas o meu favorito mesmo é o wayfarer. Acho que combina com todos os tipos de rosto e deixa o visual descolado! (Wordpress)

Neste caso, a avaliação é expressa através da reação à dificuldade de escolha entre modelos atraentes. A frase não apenas reconhece e elogia a beleza dos óculos tipo aviador, mas também destaca a dificuldade pessoal de se adequar a eles devido a características físicas individuais. A combinação de entusiasmo e leveza no comentário ilustra como as apreciações podem transmitir tanto admiração quanto um toque de humor e autoironia, criando um reconhecimento informal e emocional.

5 Considerações finais

A análise detalhada dos dados, fundamentada em pressupostos da LC, da GC e da GSF, revelou considerações sobre a construção “Ninguém manda X” no PB. Em primeiro lugar, observou-se que os enunciadores das construções identificadas em nossos dados parecem se sentir mais “livres” para se expressarem de forma espontânea em domínios informais na internet, manifestando a construção de repreensão de maneira mais frequente em situações do dia a dia, refletindo a forma natural como os indivíduos utilizam a linguagem em interações informais. A constatação desse possível “nicho” da construção de repreensão alinha-se à proposta discutida por Vian Jr. (2009, p. 107), ao apontar que a relação entre linguagem, contexto e avaliação nos contextos de interação “faz emergir o Sistema de Avaliatividade como

um sistema de recursos interpessoais à disposição do produtor de textos para que se posicione em relação ao que expressa.”

Do ponto de vista estrutural, identificou-se uma tendência significativa dos usuários a preencher o elemento “X” da construção com verbos de ligação seguidos por um predicativo. Esse padrão estrutural sugere indícios que a construção seja mais frequentemente utilizada para expressar características ou representações específicas que se tornam alvos de crítica ou repreensão. Tal regularidade evidencia, com base nos dados estudados, uma tendência da construção a ser direcionada mais à repreensão de características e descrições dos alvos do que a ações propriamente ditas.

Ao investigar o pareamento entre forma e função, foi possível observar que, em contextos de interação real e empírica entre os falantes da língua, a construção ativa um esquema específico de repreensão, que é comumente empregado para veicular críticas ou censuras direcionadas ao sujeito da expressão. Considerando que tal emergência de sentido seja proveniente da interação não composicional entre o pronome indefinido “ninguém”, o verbo “mandar” (neste caso, no tempo presente) e a estrutura oracional com verbo no infinitivo – representando a ação criticada –, reforça-se que “ninguém manda X-VInf” é uma unidade simbólica, alinhando-se aos dizeres de Ferrari (2011, p. 130), ao ponderar que “o significado das construções gramaticais passou, desse modo, a ser visto como independente, em parte, das palavras que as constituem”.

Em relação à Avaliatividade, verificamos uma predominância de avaliações negativas associadas à construção. Com base nos dados analisados neste trabalho, podemos considerar que esse padrão tende a reforçar sua função como veículo de expressão de juízos críticos e normativos, evidenciando seu papel na comunicação de desaprovação em contextos linguísticos variados.

Portanto, esse estudo contribuiu para ampliar a compreensão sobre os recursos da língua portuguesa, explorando as dimensões gramaticais e discursivas. A investigação sobre a construção “Ninguém manda X” aprofundou o conhecimento acerca de seu uso e suas implicações linguísticas. Esta investigação contribui para o avanço dos estudos linguísticos sobre construções gramaticais e oferece subsídios para a elaboração de futuros materiais didáticos. Com isso, espera-se oferecer uma visão mais rica e detalhada da língua em uso, beneficiando o desenvolvimento teórico e quiçá a aplicação prática no ensino da língua.

Ainda que os dados analisados permitam identificar padrões significativos e fornecer evidências relevantes para a descrição das construções em foco, reconhece-se que o número de

ocorrências (35 ao todo) que constituem o *corpus* e foram examinadas de forma mais detalhada é relativamente restrito. Essa limitação impõe certa reserva quanto ao alcance das generalizações propostas. Assim, considera-se que a ampliação do *corpus*, em pesquisas futuras, será fundamental para a consolidação dos resultados aqui apresentados, possibilitando uma avaliação mais robusta das hipóteses formuladas ao longo deste trabalho.

Referências

- CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da. Avaliação e Avaliatividade em discursos de alunos surdos à luz da LSF. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 205-234, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445064903986853646>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38993>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros [et al]. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, Juliana Regina Cardoso. *Abordagem sociocognitiva da Construção de Repreensão “Ninguém mandou x” a partir de websites: processos de (re)construção do significado*. Orientadora: Gabriela da Silva Pires (Relatório de Iniciação Científica PIBIC/SICOOB UFVCredi2021-2022) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2022.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: The Oxford University Press, 2006.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- MARTIN, James; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- OLIVEIRA, Derli Machado. O Sistema de Avaliatividade: Aspectos teóricos e práticos. *Revista Fórum Identidades*, [S. l.], v.15, n.15, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/3037>. Acesso em: 07 jun. 2025.
- PINHEIRO, Diogo. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, Patrícia Teles; FERRARI, Lilian (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.
- POGGIAN, Bárbara Pessanha; PIRES, Gabriela da Silva. “Quem mandou me convidar?”: uma abordagem sociocognitiva da construção de repreensão. *Revista Letras Escreve*, Macapá, v. 11, n. 1, 1º sem., 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Acesso: 13 mai. 2025.
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática das Construções: a questão da integração

entre sintaxe e léxico. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 63-74, jan/jun. 2002. Disponível em: Acesso em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25296>. 07 jun. 2025.

SOUZA, André Luiz. Linguística Cognitiva: uma breve introdução. In: HERMOUNT, Arabie Bezri; ESPÍRITO SANTO, Rosana Silva do; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva (Orgs.). *Linguagem e Cognição: diferentes perspectivas, de cada um olhar*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010. p. 63-84.

VIAN JR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *DELTA: Documentação e Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 25, p. 99-129, 2009. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S0102-44502009000100004>. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/28207>. Acesso em: 28 dez. 2024.

Recebido em 08 de janeiro de 2025

Aceito em 01 de junho de 2025